

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO

Atena
Editora
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO

Data de aceite: 18/11/2019

Antonio Carlos Coelho

RESUMO: A presente pesquisa entende que a diversidade cultural é, antes de tudo, um fato. Neste sentido, ponderar como o diálogo, dentro das disparidades existentes pode encontrar elementos comuns que indicam um caminho de abertura favorecendo a descobertas nas quais a diferença se torna um estímulo para continuar a evoluir e a mudar, é um dos pontos deste estudo. A relevância deste trabalho se encontra não somente na explicação sobre os termos e conceitos, mas por apresentar uma reflexão sobre a abertura ao diálogo proposta pela Codificação Espírita, localizada na filosofia do diálogo e na sua práxis, com base na coexistência pacífica aliada a um respeito à diversidade religiosa, favorecendo a uma abertura para um diálogo e ao encontro com o seu próximo. Neste contexto, a proposta do diálogo inter-religioso e intercultural surge com grande intensidade, favorecendo a unificação de grupos bem como assegurando o equilíbrio social no qual o exercício vital de hospitalidade, doação e entrega ao Mistério significa antes de tudo uma abertura a nova conversação dialogal e certo grau de tolerância ao se habilitar a caminhar no solo sagrado do outro, buscando

uma unidade que preserve e salvasse a diferença e a liberdade. Diante do exposto, o objetivo dessa comunicação é responder a esses questionamentos demarcando a identidade cristã a partir da reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Relacionamento. Evolução. Espiritismo. Panikkar. Diálogo inter-religioso.

THE BLESSED GROUND OF THE NEXT: THE RISKY ADVENTURES IN THE DIALOGICAL OPENING WITH THE NEXT

ABSTRACT: The present research understands that cultural diversity is first and foremost a fact. In this sense, pondering how dialogue within existing disparities can find common elements that indicate a path of openness favoring discoveries in which difference becomes a stimulus to continue to evolve and change is one of the points of this study. The relevance of this work lies not only in the explanation of terms and concepts, but also for presenting a reflection on the openness to dialogue proposed by the Spiritist Codification, located in the philosophy of dialogue and its praxis, based on peaceful coexistence allied to a respect to religious diversity, favoring an openness to dialogue and meeting with one's neighbor. In this context, the proposal of interreligious and intercultural dialogue emerges with great intensity, favoring

the unification of groups as well as ensuring the social balance in which the vital exercise of hospitality, donation and surrender to the Mystery means first of all an openness to the new. dialogical conversation and a degree of tolerance in enabling oneself to walk on the sacred ground of the other, seeking a unity that preserves and safeguards difference and freedom. Given the above, the purpose of this communication is to answer these questions by demarcating the Christian identity from reflection.

KEYWORDS: Relationship. Evolution. Spiritism. Panikkar. Interreligious Dialogue.

1 | INTRODUÇÃO

A espiritualidade como fonte de toda a humanidade, força interior de admissão ao absoluto, advém desde que passamos a existir como indivíduos espirituais e imortais. Nesse sentido, cada ser humano é um ser sui generis e sua evolução fica a cargo de seu ritmo. Portanto, a humanidade está em constante edificação, que se dá a partir do contato com os outros, na sua coexistência.

Somos impulsionados para uma convivência irmanada e pacífica composta por um ambiente de respeito à alteridade e liberdade religiosa, promovendo uma racionalidade que permite ao ser humano se adaptar dentro do meio em que vive e a evoluir por distintas vias.

O presente trabalho visa analisar a relacionalidade humana diante de uma diversidade cultural e religiosa, a partir os preceitos da Codificação Espírita. Localizada na filosofia do diálogo e na sua práxis, entende-se que seus dispositivos promovem abertura ao diálogo.

Da mesma forma pretende-se buscar nos aportes conceituais de Panikkar e de autores que trabalham com o conteúdo de pensamento deste Mestre, ferramentas conceituais que permitam consubstanciar este pensamento de abertura para um diálogo e ao encontro com o seu próximo.

A primeira parte do trabalho é composta por uma análise da pré-disposição da humanidade em se relacionar, como sendo uma essência capaz de dirigir o seu progresso propiciando uma construção de um mecanismo de comunicação, que tem por finalidade não só alcançar a sua auto compreensão, mas também, de buscar um entendimento com outro autor.

A segunda parte entende-se que diversidade cultural é, antes de tudo, um fato. Ponderar como o diálogo, dentro destas diferenças, pode encontrar elementos comuns que indicam um caminho de abertura favorecendo a descobertas de que na diferença um estímulo para continuar a evoluir e a mudar, é um dos pontos deste estudo.

E por fim, entender como o diálogo inter-religioso apresenta-se como uma necessidade do mundo contemporâneo para entender o terreno bendito do próximo.

Não em uma visão unitária, mas reconhecendo pontos mínimos de intercessão que favoreçam o cultivo e a valorização da diferença e do mútuo aprendizado.

2 | A CONSTANTE ABORDAGEM RELACIONAL ENTRE OS SERES HUMANOS

Para a Doutrina Espírita o ser humano constitui um valioso elemento de análise, dentro do processo de evolução espiritual, indispensável para entender o relacionamento e o processo dialógico que os envolve. Envolto em um processo contínuo, construído socialmente de modo que se pode identificar, dentro deste aperfeiçoamento ao longo dos anos, uma visão de mundo.

A diversidade humana possibilitou a formação de distintas culturas (ABBAGNANO, 2007; GEERTZ, 2008), valores, conhecimentos, padrões sociais e religiosos, estilos e maneiras de agir, com a finalidade de substanciar uma sociedade e conseqüente continuidade de um estilo de vida. Este conjunto plural construiu visões de mundo que, em um primeiro momento, fundamentou miopias fragmentadas que distorceram a percepção e as relações inter-humanas, impossibilitando a compreensão de um sistema complexo de pensamentos e de experiências.

Mas a humanidade não pode se fixar em teias tecidas por suas culturas, deve-se avançar na interpretação destes conceitos e vislumbrar as alteridades culturais de cada povo, tendo princípios fundamentais a relação de interação e a dependência de um ser humano para com o outro, construindo pontes facilitadoras de encontro e de diálogo.

Para Brasil (2002), se o humanismo é a única forma autêntica de ação sobre a humanidade, este deve ser respeitado em toda a sua individualidade durante o seu processo de formação de sua personalidade. Mas, em atenção a esta constante formação, o outro não pode ser entendido como sendo uma ameaça, pois ele é somente um forasteiro que nos visita, conforme é apontado por Lévinas (1993).

Como assevera na sua questão 768, do Livro dos Espíritos, nenhum ser humano “possui faculdades completas. Mediante a união social é que eles umas às outras se completam, para lhe assegurar o bem-estar e o progresso. Por isso é que, precisando uns dos outros, os seres humanos foram feitos para viver em sociedade e não insulados”. (KARDEC, 2009, p. 241).

Uma vez que a humanidade existe ela evolui (BRASIL, 2002), mas não apenas em ideias ou em conceitos, mas como um aprimoramento que resulta na ação de estar apto para o próximo passo, que envolve rever suas atitudes e opiniões a respeito de si e o meio que o rodeia.

Continua a autora que

historicamente, toda vez que um sistema de crenças, que proporciona à

comunidade e a cada um de seus membros uma certa estabilidade, é posto em questão, produz-se uma instabilidade em torno das noções do ser, do nada, da aparência, do pensar, do devir, do valor, do dever do ser. [...] O pensar é uma qualidade do ser, a visão direta do que é”. (BRASIL, 2002, p. 212-213).

Atendendo a um chamamento contínuo de evolução, a humanidade edificou formas racionais bem como inovações tecnológicas e instrumentos pedagógicos, tornando possível a superação, de certo modo, de seus sentimentos e emoções, levando-a a compreender o seu papel como ser ontológico e social.

Por certo que é

impossível anular, de um só golpe, todos os conhecimentos habituais. Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho, porque tem a idade de seus preconceitos. Aceder à ciência é rejuvenescer espiritualmente, é aceitar uma brusca mutação que contradiz o passado. (BACHELARD, 1996, p. 18).

Os conhecimentos brotados a partir de esse rejuvenescer espiritual produzem conjecturas analíticas que conduzem o ser humano à um árduo procedimento de aperfeiçoamento individual. Ao se perceber como sendo agente ativo e passivo da ação social, a humanidade foi capaz de desenvolver habilidade de relação interpessoal, uma transformação moral, que reorientando o pensar e repensar dos valores e atitudes proporcionou um progresso de respeito ao outro.

Esta transformação moral não objetiva uma unicidade, pelo contrário, baseada no pluralismo do próximo reconhece valores mínimos comuns, válidos para todos. Segundo Cortina (2008, p. 145), estes “valores que compõem esse mínimo comum configuram uma ética cívica que é a pedra angular para construir as diversas éticas profissionais, bem como a ética das instituições e das organizações”.

O relacionamento com outras culturas, mesmo que composto de distintos códigos culturais, propiciou de certa forma o desenvolvimento de uma consciência moral dentro da vida cotidiana, o que vem demonstrar uma sociabilidade marcada por ações comuns, dentro de conceitos e formulações de uma ética de mínimos.

Merino (2012, p. 133), se refere a esta ética como sendo condições e comportamentos mínimos de convivência, que

la ética de mínimos hace referencia a las condiciones y comportamientos mínimos de convivencia comunes en los diferentes ámbitos sociales en el mundo, tiene que ver con el deseo general de encontrar una mejor comunicación y entendimiento, incluyendo las necesidades básicas de toda cultura y/o civilización para hacer más amigables las inevitables relaciones con los demás. Estos deberes y derechos mínimos son denominados como éticas de justicia y constituyen el momento deontológico de la ética.

E estes relacionamentos inevitáveis com o seu próximo, para Panikkar, torna-

se um traço marcante na vida do ser humano. O autor acredita na possibilidade de uma experiência profunda e partilhada com tradições distintas como algo natural e inquestionável a partir deste relacionamento. (TEIXEIRA, 2012, p. 69).

A crença presente na Codificação (2009) fixa em uma evolução constante do espírito humano como uma questão de aprendizagem proporcionada pela experiência plural do relacionamento. Não se pode esquecer que o ser humano é um ser de relações, como lembra Buber (1979), que se se constituem como essência na interação e revelação constante ao seu próximo, pois somente nos tornamos humanos por meio de outros seres vivos.

A pluralidade humana não permite uma concepção de exclusivista, tornando este ato um equívoco para o desenvolvimento espiritual, pois é na diferença que se consolida o aprendizado que o torna universal. Uma sociedade não se constitui como algo hermético, pois coexistem em uma mesma coletividade diferentes opiniões que fundamentam uma tradição cultural.

Panikkar defende essa perspectiva, por entender que nenhuma cultura é completa em si mesma e que a partir das incompletudes precisamos buscar o encontro entre as diferentes culturas, “daí o seu reconhecimento do valor do pluralismo, entendido como uma das mais enriquecedoras experiências da consciência humana, e do imperativo da alteridade, como enriquecimento do singular”. (PANIKKAR, 1993, p. 353-356, *apud*, TEIXEIRA, 2012, p. 122).

Por certo que a convivência pluralista torna-se um desafio, mas para o autor, esse chamamento é possível de ser realizado sem prejuízo de comprometer a própria composição do ser, tornando plausível “alguém penetrar de modo existencial e vital [...] de encarnar-se numa outra cultura, de penetrar sua linguagem e partilhar o seu mundo. Tudo isso de forma natural [...]”. (FAUSTINO, 2012, p. 75).

A Codificação Espírita (2009) entende que projeto evolutivo do ser humano “deve ser provisório, atual, e receptivo às motivações que ocorram no sistema, atualizar-se permanentemente” (BRASIL, 2002, p. 211), proporcionando a aquisição de uma nova consciência pluralista na qual a singularidade e pluralidade se permitam conviver. Este movimento marca uma conjuntura de atributos que capacita a humanidade a transcender e surpreender a si mesma, ao possibilitar ao ser humano valorizar o contraste, a distinção, a diferença, em uma difícil tarefa de habitar o mundo e transformá-lo.

A vivência relacional entre os seres humanos favorece a uma aptidão para o diálogo como exercício vital para a sustentação da harmonia, em que as hostilidades são afastadas, favorecendo uma aproximação das diferenças. Nesse universo plural, como compreender o processo relacional humano por meio do diálogo?

3 | UMA CONSTANTE APTIDÃO PARA O DIÁLOGO PRESENTE NA HUMANIDADE

A experiência relacional é uma descrição rotineira na vida social do ser humano, diante de uma diversidade cultural, a humanidade desenvolveu mecanismos e competências que favoreceram a construção de uma ética que beneficie a formação de um diálogo e de um encontro dialógico.

A expressão “diálogo” apresenta-se como uma necessidade do mundo contemporâneo. Para Martin Buber a vida dialógica “não é uma vida em que se tem muito a ver com os homens, mas é uma vida em que, quando se tem a ver com os homens, faz-se isto de uma forma verdadeira”. (BUBER, p. 54, 1982).

Assim, na experiência dialógica alojam-se as expectativas de uma abertura ética para criarmos um mundo comum. Esse encontro deve ser percebido, segundo PANASIEWICZ (2015), como sendo uma possibilidade de aprofundamento e de fortalecimento da identidade que, ao se abrir para a alteridade, patrocina e instiga transformações coletivas, irrompendo fronteiras em busca do entendimento e da harmonia com o próximo.

A Codificação Espírita (2009) em seus assentamentos aponta a responsabilidade da humanidade em favor deste irromper fronteiras em busca do entendimento e da harmonia com o próximo, ao afirmar que será o ser humano

que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caírem os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando-os a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros”. (KARDEC, 2009, p. 363).

Nesse sentido, o diálogo, como instrumento hermenêutico humano, estabelece como um processo de interpretação do cenário social e das representações presentes à sua consciência.

É impressionante o poder do diálogo. Remontando à antiguidade Grega, encontramos-lo na base de todo o desenvolvimento filosófico. Sócrates o empregou na sua maiêutica, um sistema especial de dialogar para arrancar a verdade do íntimo de cada um. Mas antes de Sócrates temos o diálogo de Pitágoras com Orfeu. O filósofo matemático opunha-se às teses místicas de Orfeu, poeta e músico lendário que foi, ao mesmo tempo, o profeta-revelador do Orfismo, a religião arcaica da Grécia. E desse diálogo nasceu a síntese pitagórica, dando origem à Filosofia como indagação consciente da Razão. (XAVIER; PIRES, 1974, p. 7).

Na constituição do ser humano existe uma vontade de transcender a sua individualidade levando-o a buscar constantemente uma relação inter-humana, uma interação que se propaga por este mundo por meio de uma ação comunicativa baseada em uma dinâmica dialógica com outros atores e essas relações extrapola o sentido social.

Por certo, não se pode esquecer da influência da cultura na qual está inserido

o ser humano, influenciando deste modo a ação do diálogo e do encontro na vida do Ser. Ver o mundo é ver a sua totalidade e não as particularidades. A humanidade mesmo com as suas ambiguidades integra essa totalidade mundial.

O sistema de representações ou significados, como uma operação da inteligência humana, é responsável por criar um arquétipo modelar em cada cultura, produzindo um sistema em que “ver o Outro é controlá-lo, analisá-lo, descrevê-lo e mesmo compreendê-lo como parte de uma totalidade, excluindo, o ouvir como apreensão de sua distinção enquanto liberdade”. (SANTOS, 2017, p. 100).

Portanto, escutar o Outro torna-se

um processo de libertação, pois deve ultrapassar a dominação do ver, presente na filosofia ocidental e trazer o Outro para a proximidade do ouvir que se dá por via analógica, na qual pode haver o reconhecimento das semelhanças e distinções assim como das proximidades e distancias, o que o preserva como liberdade e se abre à perspectiva da pluriversalidade. (SANTOS, 2017, p. 101).

Entre as diferentes formas e famílias de imagens de civilização e considerando o caráter interativo do processo pedagógico do diálogo, os indivíduos fortalecem a compreensão da relação entre o eu e o outro, bem como a capacidade de ouvi-lo ampliando a discussão de um discurso ético, com largas consequências para a educação de uma sociedade pluralista.

O diálogo atua como força escavadora da própria identidade humana, sendo capaz de fundamentar uma harmonia, sintonizando o indivíduo com a pluralidade, com a diversidade cultural que o cerca propondo um diálogo de reciprocidade. E na medida em que ser humano age no mundo e se relaciona com outros seres, por meio do diálogo, vão despertando estes seres para outros tipos de consciência.

O mundo do ser humano se constitui de encontros dialógicos e neste sentido o diálogo apresenta significados que se constituem em verdadeiras reflexões acerca de elementos da experiência vivida pelo Ser, emergindo como transformador. Como ferramenta fenomenológica, possibilita o encontro de elementos conjunturais de variados campos, em especial o religioso, se destacando como categoria significativa para os estudiosos na atualidade para os cientistas da religião.

E essa forma de existir, envolta a maneira de se relacionar, implica em uma produção de ideias e doutrinas que circulam e se influenciam mutuamente, nos mais variados setores da vida social chegando ao campo religioso.

A religião como fenômeno social não escaparia a esta realidade pluralista de valores religiosos e de suas crenças. Nesta pluralidade no atual processo de globalização, permeado pelas facilidades de difusão de valores culturais, podemos compreender que este processo globalizante se torna ameaçador para algumas culturas, vindo a fortalecer a construção de um pensamento conservador e fundamentalista.

Como promover uma convivência, em que pontos de encontros sejam promovidos por uma ideia de igualdade e de tolerância dentro do diálogo inter-religioso?

4 | A SEARA BENDITA DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO A SERVIÇO DO PRÓXIMO

O próprio campo religioso como fenômeno social não escaparia a esta realidade pluralista, bem como a circularidade cultural ao longo do tempo. Este campo apesar de sua evolução, ainda se aprisiona em seus valores particulares, buscando resguardar a todo custo suas tradições e seus valores evitando deste modo uma a viagem ao mundo sagrado do outro.

Para a Codificação Espírita (2009) o velho discurso sem prática deverá ser substituído por efetiva renovação educação moral. É a etapa da fraternidade na qual a ética do amor será eleita como meta essencial, desvendando caminhos, quebrando preconceitos e suscitando um passo seguro na direção de uma auto compreensão.

Esse novo tempo propõe um desafio que vai para além do exclusivismo religioso, um interstício para uma nova dinâmica relacional e dialogal, que resguarda a particularidade de cada uma das tradições envolvidas, mas que permite uma ação de entrar reciprocamente em dois princípios, proporcionando novos rumos para mudança da própria humanidade.

Mas a proposta de um diálogo de irmãos parece um desafio para alguns fundamentalistas, ao ser entendido como uma armadilha de coligações que ao promover o relativismo ou uma forma de partidarismo, em que objetiva reunir todos em torno de uma fé diferente da sua.

Por certo que a pluralidade cultural e religiosa é temida por estes setores conservadores, que descartam um pluralismo de princípio, que é, em um sentido mais amplo, o reconhecimento da diversidade. Tal negativa se faz, por entenderem que a diversidade religiosa não é uma proposta e nem um objetivo divino. Deste modo, a verdade conhecida como absoluta gravada em cada denominação religiosa torna-se única e as permanências destes valores vitais impedem que a sociedade religiosa de pluralize e se humanize.

A diversidade é entendida pela Codificação (2009) como realidade irremovível da seara humana, sendo utopia e inexperiência descartá-la ou ignorá-la. O que se busca é um interagir com o meio, em permuta incessante de valores e experiências, que permitem que as religiões saiam da sua condição de isolamento para cumprir sua missão transformadora de seres humanos. E neste caminhar passe a delinear a formação de uma rede de intercâmbios, fenômeno esse que vem abarcando a humanidade inteira sob a designação de globalização.

Este é o desafio lançado às religiões e ao movimento religioso espírita brasileiro, como aceitar um convite tão radical? Como realizar esta trilha com uma atitude de

alteridade, de experiência profunda e partilhada com tradições religiosas distintas?
Como peregrinar sem perder a forma de seus valores?

O item 32, do capítulo XVII da “A Gênese” apresenta a seguinte proposição de que o que alimenta o antagonismo

entre as religiões é a ideia, generalizada por todas elas, de que cada uma tem o seu deus particular e a pretensão de que este é o único verdadeiro e o mais poderoso, em luta constante com os deuses dos outros cultos e ocupado em lhes combater a influência. Quando elas se houverem convencido de que só existe um Deus no universo e que, em definitiva, Ele é o mesmo que elas adoram sob os nomes de Jeová, Alá ou Deus; quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais da Divindade, compreenderão que, sendo um único o Ser, uma única tem que ser a vontade suprema; estender-se-ão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai e, assim, grande passo terão dado para a unidade. (KARDEC, 2013, p. 340).

Talvez o próprio movimento religioso espírita brasileiro não tenha compreendido a totalidade da própria Codificação que se abre a uma experiência religiosa pontuada pela fecundação da alteridade, plenificando uma ética de fraternidade e hospitalidade para com as demais tradições religiosas.

Para Pereira (2000, p. 58) temos como

certo que as barreiras de aproximação estão mais frágeis que se imagina em alguns setores, embora muitos apostem na impossibilidade de rompê-las. Falta habilidade para conduzir processos que desafiam a inteligência das direções segmentares e, não propriamente, o desejo de efetivá-las. Precisaremos todos de muita humildade para construir um terreno neutro, [...], e de muito amor para garantir perpetuidade às novas relações de pluralismo e convivência com as diferenças.

A relacionalidade, característica de uma humanidade plural, é uma ação simples para a vida como aponta Teixeira (2012, p. 76) na obra de Panikkar, ao

acreditar na possibilidade de uma experiência profunda e partilhada com tradições religiosas distintas é para ele algo natural e inquestionável. Vai ainda mais longe ao sustentar que aquele que não consegue fazer uma tal experiência interreligiosa, brotando do íntimo do coração, ainda que de forma incoativa, corre o risco de tornar-se um fanático. O caminho da autenticidade passa, necessariamente, pela abertura radical do coração ao mundo da diferença e da diversidade.

A relevância da experiência inter-religiosa passa “pela abertura radical do coração ao mundo da diferença e da diversidade”, ao fornecer uma compreensão da vida do outro que se expressa na estrutura de sua cultura. Assim as culturas vão se modificando e, por consequência, possibilitando a transcendência entre os indivíduos, pois, “além da nova consciência que terão de si no espelho do outro, poderão revisar seus objetivos, atuação social e traçar novas metas”. (PANASIEWICZ, 2014, p. 8).

Para a Codificação Espírita (2013) a experiência inter-religiosa é uma provocação a profundidade da fé do próprio ser diante da profundidade da fé do Outro. E nesta

inquietação da fé transcendente que o indivíduo vai experimentar a sua singularidade auscultando a sua própria experiência de profundidade. Esta ação, segundo Boff (2014, p. 2), de profundidade singular proporciona ao ser humano uma emersão “[...] de seu profundo apelo de compaixão, de amortização e de identificação com os outros e com o grande Outro, Deus”. (BOFF, 2014, p. 2).

A fronteira na qual se encontra o terreno bendito do próximo é um convite ao diálogo e a convivência, o que ensina Panikkar, que se deve ser sempre um buscador permanente, “um peregrino que caminha com segurança por caminhos inexplorados”. (TEIXEIRA, 2012, p. 78), peregrinar no sentido de mergulhar, de se dirigir para o centro do outro.

Para a Doutrina Espírita (2009) este caminhar bendito para interioridade do próximo, possibilita uma renovação de conceitos bem como a reciclar métodos, tanto para o Ser como para as instituições religiosas, e aqui coloco o movimento religioso espírita brasileiro. Para que atinjam patamares de liberdade espirituais, é necessário que saiam de seus isolamentos e campos secos, para novos horizontes. Observa-se que ainda falta a essa instituição indivíduos que se disponham a dividir experiências ou a construir um ambiente que se constitua verdadeira oficina de ideias e de diálogo para a criação de caminhos novos, dificultando a uma abertura dialogal com o próximo.

5 | CONCLUSÃO

A diversidade cultural e pluralidade religiosa não são, na visão da Codificação Espírita, empecilho para o relacionamento e o diálogo. Apesar das diferentes doutrinas presentes nas mais variadas denominações religiosas, sempre há uma possibilidade de convergência, de busca de um valor comum.

Não se procura um unitarismo religioso, mas um cultivo e a valorização da diferença e do mútuo aprendizado, não dentro das esferas religiosas, mas no interior de cada ser humano onde habita um Deus presente que age ativamente. Portanto, se Deus está presente em cada ser humano, para a Codificação Espírita não há do que falar de religiões adversárias, pois, no processo de evolução cada ser humano está em uma face progressiva de esclarecimento espiritual.

Esta evolução, progressiva ao longo das diversas encarnações, aprimora o sentido do relacionamento entre os seres humanos bem como a sua capacidade de conceber e de ressignificar a própria concepção da imagem de Deus e de seu relacionamento com este Ser absoluto.

O processo ao longo do tempo, segundo o Livro dos Espíritos, como progresso espiritual do ser humano, visa conscientizá-lo de sua participação no todo, em que

minimiza conflitos contribuindo deste modo para ação de escuta a seu próximo, e esta relação irmanada facilita a construção de um discurso inter-religioso.

A finalidade da Codificação Espírita, segundo *O Livro dos Espíritos*, é auxiliar as demais religiões, fornecendo bases científicas para que estas enfrentem suas dúvidas e meios de sustentar seus princípios diante da ciência. O Espiritismo não é e nem pretende ser uma religião social, uma vez que não disputa um lugar entre as igrejas e as seitas, mas quer apenas ajudar as religiões a completarem a sua obra de espiritualização dos seres humanos pelo mundo.

O testemunho de Panikkar em que começou “como um cristão, descobri que era hindu e retornei como budista, sem jamais ter deixado de ser um cristão”, mostra o percurso que a humanidade deve seguir. A Codificação Espírita apoia este pensamento ao não condenar as religiões, elas são todas boas. O que deve ser combatido é o sectarismo espiritual, pois, para continuarem boas, é necessário que não estacionem nos estágios inferiores, já superados pela evolução humana.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução Esteia dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária**. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

BRASIL, Maria Auxiliadora de Souza. **Da psicoterapia analítico-fenomenológico-existencial**. Belo Horizonte: Cepafe, 2002.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do diálogo**. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: 1982.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zubem. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: IS.reimpr, 2008.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1897-1978: Paulo VI). **CARTA ENCÍCLICA de Sua Santidade o Papa Paulo VI - Gaudium et spes sobre a igreja no mundo actual**. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/edh_enciclica_gaudium_spes.pdf>. Acesso em: 15 jan. 17.

KARDEC, Allan. **A Gênese**. Tradução Guillon Ribeiro. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Tradução de Salvador Gentile. Araras: IDE, 2009. LÉVINAS, Emmanuel. **Humanismo do Outro Homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MERINO, Patrícia Luna. **Ética de máximos e mínimos**. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=dGxhbWF0aW5pb25saW5lM>>

NvbXx3d3d8Z3g6NWM4NjZjNzhjNGZiODg3Zg>. Acesso em: 14 mar. 2017.

OLIVEIRA, João Paulo Almeida Siqueira de. **O Espírito da comunicação**. Juiz de Fora: UFJF, 1.SEM.2005.

PANASIEWICZ, Roberlei. Apresentação. In: VITÓRIO, Jaldemir; PANASIEWICZ, Roberlei. **Espiritualidade e dinâmicas sociais: memória; prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Imagens de Deus na Evangelium Vitae: o diálogo inter-religioso a favor da vida**. Rev. Pistis Prax. Curitiba. v. 7. n. 3. p. 705-725. set./dez. 2015.

PEREIRA, Cícero (Espírito). **Seara Bendita**. [Psicografado por] Maria José C. Soares de Oliveira; Wanderley Soares de Oliveira. Belo Horizonte: SED, 2000.

SANTIAGO, Maria Betânia do Nascimento. **Diálogo e educação: O pensamento pedagógico de Martin Buber**. Fls. 346. Tese (Doutorado). UFP: 2008.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. **Psicologia fenomenológico-existencial e pensamento decolonial: um diálogo necessário**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n3/a07.pdf>>. Acesso em: 25 Jul. 2017.

SANTOS, Maria de Jesus dos. **A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira**. Cadernos do PET Filosofia, Vol.5, n.10, Jul-Dez, 2014, p.01-11.

TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores de diálogo**. Itinerário inter-religiosos. São Paulo: Paulinas, 2012.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. **Tu Eterno e religiosidade no pensamento de Martin Buber**. Horizonte. Belo Horizonte, v. 13, n. 38, p. 941-968, abr./jun. 2015.

XAVIER, Francisco Cândido; PIRES, José Herculano. **Diálogo dos Vivos**. São Bernardo do Campo: GEEM, 1974.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458